



## A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA SOBRE A MULHER EM TEXTOS ESCOLARES

Nádia Beatriz Arruda CAMPOS (UFMT)<sup>1</sup>

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Águeda Aparecida da Cruz BORGES (Orientadora) (UFMT/ICHS/CUA)

**Resumo:** Este trabalho objetiva encontrar as constituições discursivas sobre a imagem da mulher em textos escolares. Em aulas de Língua Portuguesa, ministradas por uma bolsista do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência), foi proposto aos estudantes das três séries do Ensino Médio a produção de um texto sobre o tema “O que é mulher?”. Com o intuito de identificar as constituições discursivas sobre a imagem da mulher nestes textos, serão analisados sob a luz da teoria da Análise de Discurso de linha francesa, idealizada por Michel Pêcheux, e difundida no Brasil principalmente por Eni Pulcinelli Orlandi. Com base nos recortes textuais dos textos produzidos serão destacadas quais imagens de mulher foram mais recorrentes, além de relacioná-las às formações ideológicas presentes na constituição discursiva do sujeito, enfatizando as condições de produção capazes de interpelá-lo.

**Palavras - chave:** Análise de Discurso. Mulher. Textos escolares.

**Abstract:** This work aims to find the discursive constitutions about the image of women in school texts. In Portuguese Language classes, taught by a fellow PIBID (Institutional Program Initiation to Teaching Scholarship) was offered to the students of the three series of high school production of a text about the topic "What is woman?". In order to identify the discursive constitutions on the image of women in these texts will be analyzed in the light of the theory of Discourse Analysis of French line, designed by Michel Pêcheux, and widespread in Brazil mainly by Eni Pulcinelli Orlandi. Based on textual clippings of texts produced which will highlight images of women were more applicants, and relate them to ideological formations present in the discursive constitution of the subject, emphasizing the conditions of production capable of heckles him.

**Keywords:** Discourse Analysis. Eni Orlandi. Woman. Pêcheux. Texts.

### Introdução

A partir da teoria da Análise de Discurso francesa, oriunda da pesquisa de Michel Pêcheux, constrói-se este estudo objetivando identificar a constituição discursiva sobre a imagem de mulher em textos escolares. Os textos foram produzidos por estudantes das três séries do Ensino Médio da Escola Estadual “Deputado Norberto Schwantes”, localizada em Barra do Garças-MT.

Por acreditar que a escola desempenha o papel social de preparar cidadãos para a sociedade, propõe-se uma investigação sobre como os jovens estudantes, já referidos, a ponto de se tornarem adultos, constituem imaginário de mulher. Sob a luz da Análise de Discurso, serão analisados recortes de textos produzidos a partir do tema “O que é mulher?”. Nesse material, identificaremos marcas textuais que caracterizem diferentes imagens de mulher.

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras pela UFMT/CUA



A Análise de Discurso de linha francesa, por meio de seus princípios e procedimentos de análise estuda o discurso como prática de linguagem. “A análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social”. (ORLANDI, 2009, p. 15). Esta teoria vê o discurso como parte constitutiva do homem e da sua história e o torna capaz de significar e significar-se, e por relacionar em suas análises a linguagem à exterioridade consegue conectar áreas de conhecimento distintas como a Linguística e as Ciências Sociais.

O texto como objeto de análise da Análise de Discurso, necessita de uma leitura que extrapole a compreensão e interpretação comuns, tendo em vista que:

Os processos de produção do discurso implicam três momentos igualmente relevantes:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2012, p. 9)

Ao elucidar os conceitos e o funcionamento dos termos que compõe os pressupostos teóricos da Análise de Discurso francesa compreende-se o quanto este dispositivo teórico de interpretação implica na construção dos sentidos. É o que mostramos ao colocar os textos em funcionamento.

### **O campo teórico: Análise de Discurso**

Os pressupostos teóricos da Análise de Discurso francesa, iniciada a partir de 1969 e derivada da linha de seu principal articulador Michel Pêcheux, têm o discurso como objeto e, é nesse “discurso, precisamente, que se concentram, se intrincam e se confundem, como um verdadeiro nó, as questões relativas à língua, à história e ao sujeito”. (FERREIRA; INDURSKY (Orgs., 2007).

Em uma época em que o Estruturalismo embasava a formação intelectual francesa, surge a Análise de Discurso (daqui para frente AD) questionando a deliberada exclusão do sujeito, resultante da defesa do paradigma estruturalista. Para colocar o sujeito como centro desse novo cenário, esse dispositivo teórico questiona as contradições existentes entre as três tendências da Linguística (a formalista-logicista, a tendência histórica e a tendência da linguística da fala), e se situa entre as questões que dizem respeito à relação da linguagem com a sua exterioridade.



Dornele (2007, p. 30) retoma que “do Materialismo Histórico de Marx e Engels vem o paradigma que permite compreender a língua como totalidade que comporta sistema e exterioridade afetada pela ideologia”. Assim, estabelece o modo diferente como a AD trata o sentido, denotando a importância do ideológico ao se relacionar com as condições de produção e atingir diretamente determinada formação social.

A AD tem como marco a publicação da obra *Análise Automática do Discurso* (AAD) de Michel Pêcheux em 1969, bem como o lançamento da revista *Langages*, organizada por Jean Dubois. Pêcheux busca estudar um sujeito interpelado pela ideologia a qual é responsável na construção discursiva. No Brasil, a teoria, nessa perspectiva, tem como sua principal representante Eni Pulcinelli Orlandi, responsável por parte significativa da bibliografia que norteou este trabalho.

Pêcheux (1975, *apud* ORLANDI, 1986, p. 117) diz que não existe discurso sem sujeito, e não existe sujeito sem ideologia. Ao estudar a significação em sua relação com as formações ideológicas, a AD dá um novo significado ao conceito de ideologia a partir da linguagem. A formação discursiva mediante uma formação ideológica estabelece o que pode ou não ser dito. Orlandi (1999, p.42) afirma que “o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”.

O entendimento do conceito de formação discursiva é imprescindível para a compreensão do processo de produção de sentidos e de como é dada a sua relação com a ideologia, a partir de dois pontos. O primeiro expõe que o discurso é constituído na formação discursiva em que é inscrito,

As formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. [...]. Os sentidos não estão assim predeterminados por propriedades da língua. Dependem de relações constituídas nas/pelas formações discursivas. (ORLANDI, 2009, p. 43-44)

O segundo ponto evidencia que através da formação discursiva torna-se possível compreender os diferentes sentidos no discurso. Daí o trabalho do analista em observar as condições de produção e o acionamento da memória para remeter o uso de uma palavra para determinada formação discursiva ou para outra e, assim, inferir o sentido do que foi dito. De maneira sucinta, Pêcheux e Fuchs (1975, *apud* FERREIRA; INDURSKY (orgs.), 2007, p. 95) escrevem que “as Formações Discursivas (FDs) são componentes das Formações Ideológicas (FIs), pois a ideologia tem sua manifestação concreta no discurso”.

O discurso, é relevante reafirmar, é o objeto teórico da AD, e não a língua. Tendo em



vista que:

A língua, em AD, é material e não abstrata. Materialidade que advém exatamente dos pressupostos marxistas e psicanalíticos. O sujeito, enquanto efeito sócio-histórico, portanto não indivíduo, habita a língua que ganha assim opacidade e foge aos postulados idealistas que a concebem transparente. (DORNELE, 2007, p. 33)

O discurso visto como um objeto histórico-social, com especificidade em sua materialidade lingüística, dispõe que sujeito e sentido são elementos de um mesmo processo, o da significação. É neste processo que o simbólico (lingüístico) e o imaginário (ideológico) se juntam em uma relação de posições histórica e socialmente determinadas, constituindo as condições de produção do texto as quais compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação, parafraseando (ORLANDI, 2009).

Tais condições de produção podem ser consideradas em seu sentido estrito ou amplo, enquanto o primeiro refere-se ao contexto imediato, o último envolve o contexto sócio-histórico e ideológico, podendo estabelecer relações de sentido com o que ele diz e com o que não diz, bem como, entre o que ele diz e o que os outros textos dizem, o que caracteriza intertextualidade.

Outra parte significativa do processo de produção do discurso é a memória, também chamada de memória discursiva, que é definida por Orlandi (2009, p. 31) como:

[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do preconstituído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.

Objetivando tornar perceptível ao leitor a opacidade do texto, a AD propõe diferentes maneiras de leituras questionando o dito em relação ao não dito, o que foi dito antes e em outro lugar, ou talvez de outro modo. Portanto,

O texto não pode assim ser visto como uma unidade fechada pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginados), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação) e com o que chamamos exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer (o que fala antes, em outro lugar, independentemente). (ORLANDI, 2012, p. 87)

A relação entre linguagem e exterioridade é constitutiva do discurso e, por isso, há uma relação do dizer com a ideologia, devido à especificidade da AD em produzir um objeto sócio-histórico em que o lingüístico intervém como pressuposto. E por compreender a ideologia como parte constituinte do processo de produção discursiva é que a AD propõe análises sobre as condições históricas e sociais do discurso.

O sujeito se apropria da linguagem em um movimento social e nela está refletida sua



interpelação pela ideologia, ou seja,

o sujeito é a interpretação. Fazendo significar, ele significa. É pela interpretação que o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, à impressão do sentido já-lá. (ORLANDI idem, p. 87).

A unidade analítica ou objeto empírico da AD é o texto. Ler um texto vai além de saber o que está dito ou não, exige a compreensão do que o constitui significativamente. É importante destacar que, todo exemplar de linguagem produz leitura e, ao relacioná-la ao sentido de ideologia, pode ser uma “concepção” ao se dizer “leitura de mundo”, conforme Orlandi (1996b, p.9) enfatiza:

A leitura, portanto, não é uma questão de tudo ou nada, é uma questão de natureza, de condições, de modos de relação, de trabalho, de produção de sentidos, em uma palavra: de historicidade.

Há um leitor virtual inscrito no texto. Um leitor que é constituído no próprio ato da escrita. Em termos do que denominamos “formações imaginárias” em análise de discurso, trata-se aqui do leitor imaginário, aquele que o autor imagina (destina) para seu texto e para quem ele se dirige.

Ao escrever um texto, o autor imagina um leitor a quem ele se dirige. Na AD, este ato é denominado como “formações imaginárias”, que designam os lugares nos processos discursivos em “que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. (PÊCHEUX, op. cit.: p. 82).

É importante compreender que são as posições do sujeito no discurso que significam quanto ao contexto sócio-histórico e cultural. Entretanto, as projeções possuem regras que permitem ou não que o sujeito passe da situação (empírica) para a posição (discursiva):

Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas – os lugares dos sujeitos – para as posições dos sujeitos no discurso. (ORLANDI, 2009, p.40)

É no momento da leitura que é desencadeado o processo de significação do texto, aqui sujeitos e sentidos se constituem ao mesmo tempo, e são elementos do mesmo processo, o da significação.

Observando a linguagem discursivamente, percebe-se a dificuldade em estabelecer o mesmo e o diferente. Sob a base teórica em que nos filiamos, esses processos recebem o nome de processos parafrásticos e processos polissêmicos, respectivamente. A paráfrase



representa estabilidade, ou o retorno aos mesmos espaços do dizer, enquanto a polissemia rompe os processos de significação, jogando com o equívoco provocando deslocamento. É nessa tensão entre o mesmo e o diferente que o discurso se faz, porque como afirma Orlandi (2009, p. 37), “a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa”.

Para a AD, a análise dos materiais e a constituição do *corpus* são praticamente a mesma coisa, tendo em vista que ao analisar diz-se o que faz parte ou não de determinado *corpus*.

O principal diferencial da análise, nessa orientação teórica é que esta não é “objetiva”, ou seja, a análise não visa à exaustividade “horizontal”. Por isso, ao delimitar um *corpus* não são considerados os critérios empíricos (positivistas), ao contrário, considera-se o objeto teórico (o discurso e suas sistematicidades). Para alcançar a compatibilidade entre o recorte dos dados e os objetivos de determinada análise é preciso uma sustentação teórica e metodológica. Portanto,

o corpus será constituído através da reflexão sobre conceitos pertinentes para os objetivos da análise e pela sua sustentação em certos parâmetros metodológicos que visam garantir uma leitura não-subjetiva dos dados.

O que se exige é essa sustentação teórica (e metodológica) e a compatibilidade entre o recorte dos dados com os objetivos a que a análise se propõe. (GUIMARÃES; ORLANDI; TARALLO, 1989, p. 33).

A AD busca entender como são produzidos os sentidos por meio dos objetos simbólicos, e para isso vai além da interpretação buscando compreender seus limites e mecanismos como parte constituinte do processo de significação. Para Orlandi (2009, p. 26), “a interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato”. Portanto, ao interpretar algo o leitor o faz preso em um sentido, diferente da compreensão que entende o funcionamento das interpretações, haja vista que “compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos”. (ORLANDI idem, p. 26)

Por estabelecer o sentido como a questão fundamental de sua proposta intelectual, é que a AD se relaciona com a Filosofia e com as Ciências Sociais, ao considerar a linguagem como formadora de sentido, sentido este que existe por estar inscrito na história. E ao questionar a relação do sujeito com o sentido, e conseqüentemente da língua com a história, posiciona-se criticamente quanto à noção de leitura e de interpretação:

Em suma, a Análise de Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto



organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. (ORLANDI *ibidem*, p. 26-27).

Em um dispositivo teórico de interpretação há espaço para a fundamentação no método da teoria da AD e para a análise particular feita pelo analista, ou seja, a teoria possibilita que cada dispositivo analítico possua características diferentes, tendo em vista que, cada analista possui um olhar singular sob o seu material de análise, o que produz diferentes recortes conceituais, por isso o dispositivo teórico será sempre o mesmo, mas os dispositivos analíticos não.

É objeto de análise deste trabalho, textos escolares que foram produzidos por estudantes de três turmas do Ensino Médio escolhidas aleatoriamente, sendo uma do 1º ano, outra do 2º ano e outra do 3º ano da Escola Estadual Deputado Norberto Schwantes, localizada em um bairro afastado da região central de Barra do Garças-MT. O motivo primordial para a escolha da Escola é o fato de ela abrigar o PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) do curso de Letras.

Considerando a minha relação de aluna bolsista do Programa, elaborei um plano de aula que trabalhasse o gênero textual artigo de opinião, para que atendesse ao cronograma das aulas do projeto, com o apoio do livro didático.

No primeiro momento da aula foi trabalhado o conceito desse gênero textual e como ele é estruturado. Em seguida, foi proposta a produção do texto a partir de uma pergunta: “O que é mulher?”, pois o nosso interesse era o de identificar o modo como os estudantes materializariam, no texto, o seu imaginário de mulher. O que pensam sobre mulher, qual é a imagem pré-construída.

Na seleção dos textos para análise não consideramos a série, lembramos que, nesse período escolar, os estudantes têm pouca diferença etária. Além disso, tomamos o cuidado de resguardar as suas identidades.

A AD concebe o texto como unidade constitutiva da materialidade do discurso, e conseqüentemente, busca compreender como o texto produz sentido. Para isso, o analista constrói o *corpus*, materiais significantes de análise, a fim de encontrar seu objeto discursivo, e com base nele determina as relações existentes com as formações ideológicas para chegar ao processo discursivo, ou seja, o analista faz as perguntas que deseja ao material selecionado, neste caso, os textos produzidos pelos estudantes de Ensino Médio sobre o imaginário de mulher. Vejamos como se diz teoricamente:



A Análise de Discurso tem como unidade o texto. O texto não visto como na análise de conteúdo, em que se o atravessa para encontrar atrás dele um sentido, mas discursivamente, enquanto o texto constitui discurso, sua materialidade. Assim se procura ver o texto em sua discursividade: como em seu funcionamento o texto produz sentido. E entender isso é compreender como o texto se constitui em discurso e como este pode ser compreendido em função das formações discursivas que se constituem em função da formação ideológica que as determina. Pensar o texto em seu funcionamento é pensá-lo em relação às suas condições de produção, é ligá-lo a sua exterioridade. (ORLANDI; RODRIGUES (Orgs.), 2006, p. 16).

O texto, como unidade significativa do discurso, estabelece o princípio de que é a existência da textualidade que assim o torna, visto que esta determina a relação do texto com o seu sentido e com a exterioridade. Sendo assim, sob a perspectiva do discurso o texto não pode ser considerado uma unidade fechada, devido às relações que faz com outros textos, com suas condições de produção e com sua exterioridade constitutiva.

É importante também esclarecer a função discursiva autor em um texto. O autor é para o texto assim como o sujeito é para o discurso, o que o determina responsável pelo texto que produz, e conseqüentemente pela organização do sentido e pela unidade do texto. Foucault (1971 *apud* ORLANDI; RODRIGUES (Orgs.), 2006, p. 23) “considera, então, o autor como princípio de argumento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como o núcleo de sua coerência”.

Por fim, para compreender o texto é imprescindível entender o conceito de historicidade, ao qual trata de compreender a produção de sentidos no texto e o seu funcionamento. “O que chamamos historicidade são os meandros do texto, o seu acontecimento como discurso, seu funcionamento, o trabalho dos sentidos nele”, (ORLANDI; RODRIGUES (orgs.), 2006, p. 22).

Antes de iniciar o processo analítico, levando em conta a temática proposta para a elaboração dos textos, é importante fazer um pequeno apontamento histórico sobre a mulher. Há muito tempo, o papel e a importância da mulher na sociedade tem sido o centro de vários debates, contudo esse não deixa de ser um tema atual, especialmente se considerarmos que a mulher tem se redescoberto e conquistado lugares de destaque na sociedade antes nunca imaginados como alcançáveis.

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos. (PRIORE, 2010, p. 7).

Na Bíblia, a mulher é representada como uma mulher fraca e suscetível às tentações





e, além disso, submissa ao homem. Um dos exemplos mais conhecidos se passa no livro de Gênesis, quando a serpente engana a mulher para que ela coma do fruto da árvore da ciência do bem e do mal. Quando Deus confronta o homem pela atitude que ele tomou, para escapar da acusação divina ele logo acusa a mulher.

E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste tu da árvore de que te ordenei que não comesses?  
Então disse Adão: A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi. (BÍBLIA. Gênesis 3:11-12. <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>>)

Desde os primeiros momentos da colonização, mesmo entre os indígenas habitantes das terras do Brasil, a mulher desempenhava um papel de submissão na estrutura familiar e possuía suas funções domésticas e familiares muito bem definidas.

Mesmo com o passar dos anos e com a mulher adquirindo o direito ao voto e conquistando a independência por meio do seu trabalho, continuava vítima do preconceito da sociedade e do abuso e violência. “Apareciam desprotegidas e emocionalmente vulneráveis aos olhos da sociedade, e por isso podiam ser presas da ambição masculina”. (PRIORE idem, p. 578).

Atualmente, por mais que a sociedade seja designada como moderna, pós-moderna, ainda, apresenta comportamentos que contradizem a esse paradigma. Haveriam ainda na sociedade de hoje resquícios da intolerância, exclusão e banalização aos quais as mulheres foram expostas por tanto tempo?

Para responder a questionamentos como este, desenvolveu-se esta pesquisa com o intuito de conhecer quais concepções os estudantes possuem acerca da imagem da mulher nessa sociedade contemporânea, utilizando-se dos princípios e procedimentos da Análise do Discurso francesa. “Nesse contexto particular, onde a ideologia e a identidade são constitutivos do objeto estudado, a história das mulheres é antes um acréscimo à história geral”. (A HISTÓRIA..., 2000, p.8)

### **Procedimento de análise dos textos selecionados**



Iniciamos as análises tratando da imagem sobre a mulher identificada com maior frequência nas produções textuais, ou seja, as marcas linguísticas, que se repetem em vários textos, constituem uma discursividade acerca da mulher como **sexo frágil**.

Desde a antiguidade, o sexo feminino era apresen-  
tado como algo mais sensível e frágil. Essa colocação se  
abrangeu até os dias atuais e traz consigo contra po-  
sições, já que trata-se de uma classe que teve enorme  
evolução.

Desde antigamente a mulher vem lutando  
pelos seus direitos. A mulher sempre era  
vista como a dona de casa, o sexo  
frágil, eram proibidos de exercer certos  
trabalhos em meio a sociedade, pois eram  
discriminados pelos homens.

Durante vários anos a mulher foi tra-  
tada como o "sexo frágil". Mas vemos não

De modo geral, interpretamos que os estudantes, ainda que sem controle, utilizam desse termo para retomar e trazer ao leitor um momento histórico. Consideremos os recortes acima, neles percebemos claramente que a mulher referenciada como sexo frágil é assim identificada em um contexto histórico que remete aos tempos passados, quando eram vistas como aquelas que desempenhavam apenas as ocupações domésticas, incapazes de outras responsabilidades.

Ao retomar o termo sexo frágil, nos deparamos com o questionamento acerca do seu significado, temos a junção de duas palavras utilizadas para se referir a um gênero, ora por que dizer sexo frágil em vez de dizer mulher? O substantivo sexo é determinado pelo adjetivo frágil e torna-se contraditório por fazer alusão à mesma mulher que suportou tanto preconceito e que por tanto tempo foi dominada e inferiorizada pela sociedade, é claramente incoerente atribuir fragilidade a quem suportou tanta opressão e dela se ergueu para provar que merece ser tratada em condições de igualdade ao homem.

Com base nos recortes apresentados anteriormente trazemos o conceito de esquecimento, que na AD pode ser de dois tipos. "O esquecimento número dois, que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro" (ORLANDI, 2009, p. 35).



Por que dizer sexo frágil em vez de mulher? Tal “esquecimento” faz com que essa referência se torne verdade absoluta, ou seja, ao pensar em mulher, logo é feita uma associação a sexo frágil. É como se a sua imagem só pudesse ser construída assim, como se não existissem outras características para considerar ou outras palavras para descrevê-la. “O outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia” (ORLANDI idem, p. 35).

Neste esquecimento temos a ilusão de sermos os pioneiros no que dizemos, quando na verdade retomamos algo já dito. Aqui acreditamos que o que dizemos significará apenas o que queremos, esquecendo-nos assim de que os sentidos não se originam em nós, mas significam de acordo com o modo que estamos colocados na língua e na história, independente do nosso querer.

Nos recortes, percebemos que os estudantes apresentam uma memória discursiva, retomando o momento histórico em que a mulher não era tratada em condições de igualdade ao homem, percebemos que “a maneira como a memória “aciona”, faz valer, as condições de produção é fundamental [...]”. (ORLANDI ibidem, p. 35)

Antigamente as mulheres não tinham lugar na sociedade, serviam apenas para cuidados dos seus filhos, maridos e da casa, não eram ouvidas, não estudavam, não participavam de votações políticas e muito menos se elegiam, eram discriminadas.

Outra construção imaginária, muito recorrente, nos textos, é a que os estudantes inscrevem a **presidente da República Dilma Roussef** como referência da figura da mulher, desse modo fazendo um deslocamento em relação ao imaginário de mulher frágil e submissa para o daquela que é capaz de conquistar cargos tão importantes, como o de governar um país.

Assim, o nome da presidente do Brasil é convocado, como um exemplo, para comprovar o potencial da mulher em atingir lugares semelhantes aos dos homens, ou, por vezes, até de superioridade.

Em alguns dos textos é possível inferir que, de certo modo, após a eleição de uma mulher para o cargo de presidente, pela primeira vez, no Brasil confirmou-se o quanto a mulher é capaz de obter êxito e destaque naquilo que se propõe a fazer, e curiosamente distoa de certos posicionamentos encontrados na mídia em que atribuem à administração da



presidente características masculinizadas, como se fosse necessário se assemelhar aos homens para exercerem cargos de poder.

Esse é mais um modo de como se dá a interpelação ideológica, pois os estudantes materializam um argumento de tomada de posição da mulher que deixa de ser passiva, que luta e que por isso conquista determinados espaços, antes atribuídos, apenas aos homens. Essa é uma forma do político se materializar na língua.

E assim de fato a liderança de nosso país  
está nas mãos de uma mulher, com a finalidade  
de não se representar mais como o resto,

Mas as mulheres com força e vontade,  
lutaram e ainda hoje lutam por seus  
direitos. Um exemplo de evolução é a  
nossa presidente Dilma que hoje  
governa o nosso país.

As mulheres vem ocupando lugar cada vez mais na  
sociedade tendo o que há de melhor como mulher na  
vão e que temos uma  
presidente representando o nosso  
país e assim cada dia  
mais a mulher vai se  
tornando mais importante  
dentro da sociedade de hoje.

Outra vez podemos notar o resgate à memória discursiva, exemplificado nas imagens anteriores, em que é possível perceber marcas textuais, como “Um exemplo de evolução [...]” e “As mulheres vem ocupando lugar cada vez mais na sociedade [...]”, onde o estudante expõe que a mulher saiu de um momento histórico em que era vítima de preconceito e exclusão social para alcançar elevadas posições, semelhante à da presidente do Brasil. Além da memória que manteve um dizer, identificamos na exemplificação da presidente como ícone de mulher de destaque na sociedade como um modo de retornar aos espaços iguais do dizer, daí a paráfrase.

Ainda é importante salientar o quanto tal constituição discursiva representa ideologicamente, tendo em vista que mesmo estudantes adolescentes são capazes de perceber a relevância e o impacto sócio-histórico-cultural causados na sociedade, devido à eleição de uma mulher como presidente deste país pela primeira vez na história. Sem dúvidas, demonstra



que por mais moderna que a nossa sociedade se autointitule ainda carrega consigo fortes traços de uma sociedade machista, a ponto de repercutir tal realidade em textos escolares produzidos por adolescentes. Entretanto, não podemos estar alheios ao momento de mudanças de paradigmas que a sociedade atravessa, prova disso são as opiniões expressas nos textos analisados neste trabalho.

De maneira sucinta, entende-se que o conceito do termo condições de produção na AD abrange o momento de produção discursiva, mas de modo a envolver os sujeitos e a situação. Portanto, ao analisarmos um objeto é imprescindível atentar-se às circunstâncias que podem influenciar a produção do autor. (ORLANDI, 2009)

No caso dos textos analisados, os estudantes os produziram em uma sala de aula com tempo pré-determinado e sob a orientação de alguém seguindo algumas exigências. Não podemos nos esquecer de que cada estudante ao tornar-se autor traz consigo todo um contexto sócio-histórico e ideológico que será dito ou subentendido em sua produção.

Seguindo o mesmo rumo das constituições discursivas anteriores, isto é, da mulher vista como profissional que conquistou cargos importantes e de destaque, alguns estudantes escreveram acerca da mulher, que mesmo sob os olhares desacreditados da sociedade, ocupou cargos semelhantes ou de superior importância aos dos homens. No entanto, marcando outra posição sujeito, pois associaram a essa mulher, de modo contínuo, uma **mulher independente**, mas devido à necessidade ou às situações da vida, às condições de produção que as levaram a se tornar responsáveis tanto pelo sustento da casa quanto pelo funcionamento dela, ou seja, além de trabalharem fora, ocuparem funções políticas, administrativas e outras, ainda, se mantêm donas de casa, responsáveis pelos serviços domésticos. Desse modo, não há uma quebra do ritual, pois mesmo que a mulher se desloque dos parâmetros históricos ela fica dividida e com excesso de atribuições.

Assim tendo a vontade e a dedicação que  
já parecemos, são tidas como guerreiras. De dia  
e de noite do forms que fazem seus papéis assim  
sendo: mães, esposas, empregadas e como líderes,  
e forms que temo que reconheçam a mulher  
e que a cada vez mais a sua valorização  
com o mesmo respeito, pois são merecedoras.  
A qualidade e a utilidade delas em nossa  
sociedade vem crescendo a cada vez, pois assim  
devem e sua operações e com a sua especia-  
lização, mulheres que dedicam o seu tempo e  
sua família com total foco e dedicação e amor,  
e trabalhadoras e esposadas que hoje são em  
altas postos em nossa sociedade com a disponibili-  
dade de se dedicarem para o mercado de trabalho



Mulheres que se valorizam, que trabalham são donas de casa, Ser mulher é chegar do trabalho na cozinha, cuidar dos filhos, cuidar de casa, e começar um novo dia, sem se deixar levar pelas opiniões dos outros, cuidar da vida pessoal, e dar conselhos de experiência. Isso é ser mulher.

A mulher para ser guerreira ela precisa ser forte, levantar cedo todo dia para trabalhar, ser independente diante de tudo e de todos. A mulher guerreira corre atrás do seu destino juntando todos os detalhes sem se dar dificuldade. Ela cuida de seus filhos todos os dias, batalha para dar um futuro para o seu filho, ela ama, trabalha, mais se levanta e encara o mundo de frente para que todos vejam a sua capacidade de ser o que ela é.

É interessante perceber como analisamos as condições de produção as quais os estudantes estão sujeitos, mas ao investigar essa imagem de **mulher independente** construída por eles, também podemos encontrar as condições de produção que justificam a necessidade dessa mulher ser independente, e percebemos que os alunos compreendem o quanto a influência do meio reflete na atitude delas. Ao dizer na imagem “Ela cuida de seus filhos todos os dias, batalha para dar um futuro para o seu filho [...]” inferimos que o autor entende que se a mulher não batalha pelo sustento do seu filho, conseqüentemente ele será privado de um futuro digno, e ainda pode ser subentendido que se essa mulher retratada no texto é a única a cuidar do seu filho, possivelmente não tem uma família organizada de modo tradicional, com um marido que divida as obrigações com ela.

Inclusive seguindo esta mesma constituição imagética de **mulher independente**, outros estudantes fizeram um panorama em seus textos, falando sobre a mulher de modo geral, das suas características e de como elas podem exercer diferentes papéis.

A mulher que é esposa, mãe, filha e dona de casa se divide em mil, mais não quer dizer que inam, elas são fortes surpreendentemente aquelas que quando que alguma coisa correm atrás em busca de alcançar seu objetivo pois elas tem essa capacidade.

Mesmo sendo pouco citada diretamente, alguns estudantes descreveram a mulher como mãe, especialmente falando da sua própria mãe. Contudo, sem se apegar a detalhes



específicos. Nestes casos, os estudantes utilizaram a figura materna para referir-se à mulher descrevendo as suas próprias mães.

Ainda que não muito presente de maneira direta nos textos, a imagem da **mulher mãe** é muito recorrente no imaginário da sociedade, logo podemos dizer que tal imagem retorna a espaços do dizer anteriormente já ditos, sempre mantendo algo que foi dito. “Esse jogo entre paráfrase e polissemia atesta o confronto entre o simbólico e o político. Todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. Nas palavras dos sujeitos” (ORLANDI, 2009, p. 38).

Bom Minha mãe, é uma mulher super  
resiliente, muito bonita... igual todas mulheres  
do gosto de assumir o Salário no Salário, quando ela  
vai sair ela se produz tudo, possui maquiagem  
para chapinha, e pra não falar ela usa seu perfume  
muito chique. Minha mãe é uma rainha. Ela trabalha  
pra nos sustentar por isso que eu tenho todo carinho  
por uma mulher, porque de uma mulher que eu sei.

Minha mãe  
minha mãe é uma mulher de várias  
qualidades mas também tem seus  
defeitos nem sempre a mulher  
vive de qualidades nunca foi  
perfeita mas também nem tanto  
abalada, seu amor minha mãe

Em raras construções discursivas, estudantes colocam-se na primeira pessoa e falam sobre as sensações de “ser mulher”.



Ser mulher está muito além de nascer  
mulher, pois não se nasce mulher e tem  
se torna. Portanto, as qualidades de uma  
mulher, não pode ser descritas, mas sim  
demonstradas, com atitude e gestos. Mulher,  
é guerreira, batalhadora, amável, gentil e  
corajosa, com beleza e perfeição tanto  
interior como exterior.

Le experiência de ser mulher, só nós sabemos é passar o dia  
trabalhando para pagar os filhos, é ser dona de casa mesmo  
pedindo a paciência. Ser mulher é uma experiência de vida  
que nenhum homem poderia, mulher não gosta de ser ignora-  
da. Não sei diferente das mulheres que conheço, mas ~~em~~ toda  
mulher tem uma característica diferente. umas são impacientes,  
outras são compreensivas, umas ranciosas outras nem tanto. Isso  
é ser mulher a cada dia pagar suas conquistas do dia-dia.

Ao lermos os recortes e analisarmos o modo de o autor se posicionar no texto como primeira pessoa, temos o ímpeto de entender que os textos foram escritos por mulheres. Por isso, reitero que esta análise não se interessa na identificação do sujeito autor dos textos analisados. E, para não nos atermos apenas à marca verbal identificada, devemos considerar o mecanismo de antecipação constituinte das formações imaginárias. Segundo o conceito deste mecanismo,

todo sujeito tem a capacidade de experimentar, ou melhor, de colocar-se no lugar em que o seu interlocutor “ouve” suas palavras. Ele antecipa-se assim a seu interlocutor quanto ao sentido que suas palavras produzem. Esse mecanismo regula a argumentação, de tal forma que o sujeito dirá de um modo, ou de outro, segundo o efeito que pensa produzir em seu ouvinte. (ORLANDI idem, p. 39)

Assim sendo, sob um olhar mais amplo e desatado de uma única marca textual podemos enxergar a possibilidade de um estudante do sexo masculino que tenha se colocado na posição de mulher para tentar entender e discorrer melhor acerca de “O que é mulher?”, ao qual foi o tema proposto para a produção textual; daí poderíamos inferir até uma possível dificuldade dos homens em compreender o que é ser mulher e o que elas sentem como tal.





Alguns estudantes quiseram falar sobre o preconceito contra a mulher. Enquanto uns usaram a palavra preconceito diretamente, outros utilizaram o termo machismo e outros apenas descreveram as atitudes que inferiorizam a capacidade feminina, nos permitindo associar o fato ao nome.

Mas a sociedade em geral ainda tem muitos preconceitos em relação às mulheres. Na maioria dos mundos existem em países mulheres que não podem dirigir, trabalhar ou até mesmo estudar. Porque em alguns momentos a sociedade vive nos tempos em que a mulher não tem que ficar em casa.

de ter autoridade. Antigamente não tinha nem o poder de votar e de ser cidadã honesta e livres para sua escolha, depois ele tanto reivindicaram seus direitos conseguiram a liberdade de se expressarem e tomar o poder dos homens, que são machistas que em pleno século 21 não sabem respeitar os direitos das mulheres, e que ainda as maltratam e não as tratam com dignidade e respeito que se merecem.

As marcas textuais refletem que os autores conhecem e sabem identificar as formas de preconceito, quando diz “[...] existem em países mulheres que não podem dirigir, trabalhar ou até mesmo estudar”, o estudante demonstra saber que as práticas preconceituosas também estão presentes em outros países. Em outra imagem, o autor escreveu “Antigamente não tinha nem o poder de votar e de ser cidadã honesta e livres para sua escolha [...]” retomando um momento histórico pelo qual as mulheres passaram.

Nos dois recortes é perceptível a retomada de momentos históricos e até culturais, o que atesta a formulação de relações de sentidos que justifica que todo discurso se relaciona com outro que o fundamenta, assim como pode sustentar discursos futuros.





2006, cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. (<<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>>). É popularmente conhecida como Lei Maria da Penha.

Oposta à imagem trabalhada no início da análise, em que as mulheres eram vistas com uma imagem de submissão, a seguir temos recortes que estabelecem a mulher vista em condição de igualdade ou até de superioridade ao homem.

Uma sociedade que era constituída pelo machismo hoje diluída em geral com homens e mulheres lado a lado em busca de melhores condições para a família

A mulher assim como o homem tem grande importância num mundo tão desenvolvido, como o nosso, na qual pede-se cada vez mais a presença da mulher seja em qual for a situação

Hoje a mulher já tem seus direitos e igualdades, mesmo sendo discriminadas por uns e outros, já vemos o valor que cada mulher tem, tanto dentro de casa como na sociedade.

Para sustentar essa análise, trago novamente o conceito de formações imaginárias, desta vez destacando a chamada relação de sentidos. “Segundo essa noção, não há discurso que não se relacione com outros”. (ORLANDI, 2009, p. 39)

Observando os recortes, percebo um discurso que lembra muito os dizeres midiáticos, veja o exemplo da antepenúltima imagem: “A mulher assim como o homem tem grande importância num mundo tão desenvolvido [...]”. Mas será que o mundo está mesmo tão desenvolvido a ponto de não restar mais formas de preconceito contra a mulher? Vejo uma igualdade muito maquiada e que, de certa forma, confunde quem não busca conhecer o assunto profundamente. Exemplo disso é o recorte da penúltima imagem em que o estudante diz “Hoje a mulher já tem seus direitos e igualdades, mesmo sendo discriminadas(sic) por uns e



outros [...]”.

Nesta próxima constituição de imagem da mulher, os estudantes repudiam certas atitudes discriminatórias “[...] não importa se ela é negra, branca, parda, amarela e etc.”, e para isso descrevem **como a mulher deve ser tratada**. É como se os autores acreditassem que as mulheres são maltratadas porque as outras pessoas desconhecem qual a melhor maneira de tratá-las, como observamos no último recorte a seguir: “A mulher ela gosta de ser tratada com carinho respeito e ser amada e não usada [...]”.

Por fim, queremos que mulheres tem que ser tratada com dignidade, respeitada, e todo o respeito que uma mulher tem que ser tratada.

mulher não é uma simples palavra. mulher é aquela que é respeitada no meio da sociedade. mulher é delicada e aquela que necessita de um carinho atenção. não basta. não trata sua mulher como coisa viva. sua filha seria uma pessoa. mulher é aquela que se usa.

A mulher ela gosta de ser tratada com carinho respeito e ser amada e não usada. elas são difíceis de entender. o lado emocional dela, tem vezes que elas só precisam de atenção. todos nós devemos respeitar e agradecer a elas, não importa se ela é negra, branca, parda amarela e etc. elas são mulheres não um bicho ou objeto que agente use e maltrate, agente deve amar elas.

Ao ler essas afirmações, inevitavelmente estas soam como familiares aos nossos ouvidos. Mas, isso não quer dizer que o ato de repetir o que já foi dito seja errado ou equivocado, “pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo [...]”.

(ORLANDI idem, p. 38)

### Considerações Finais

Ao fim deste trabalho é possível corroborar o quanto a Análise de Discurso pode contribuir na prática do ensino de Língua Portuguesa, quanto mais no estudo e na prática de



produção textual. É válido reiterar que além de conhecimento, a escola é um ambiente responsável por formar estudantes em cidadãos conscientes de seus direitos e deveres, sendo assim capazes de interpretar as práticas sociais do meio em que vivem.

Do campo teórico, foi concebível assimilar que o autor está para o texto assim como o sujeito está para o discurso. Tendo em vista que o sujeito é um ser social capaz de produzir formações discursivas onde se refletem as condições de produção a qual está exposto, além da memória que é parte da produção do discurso, “podemos dizer que o sentido não existe em si mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. (ORLANDI, 2009, p. 42)

Portanto, ao analisar textos sob a luz dos princípios e procedimentos da Análise de Discurso, como foi realizado neste trabalho, percebe-se que o texto significa mais do que o escrito porque o não dito também significa. Quanto mais ao observarmos as marcas textuais possivelmente carregadas de esquecimentos, ideologias, formações imaginárias, entre outros.

Sem dúvidas, a mulher constitui uma figura multifacetada no imaginário da sociedade, representada nesse estudo pelos estudantes autores dos textos, que identificaram a mulher como sexo frágil, como mulher independente, além de a referenciarem à imagem da presidente Dilma Rousseff, entre outras.

Na análise dos textos percebemos o quanto o discurso pode possuir marcas que revelam implicitamente e explicitamente traços do contexto histórico-social e ideológico do sujeito. Daí, a importância de o professor conhecer e utilizar-se dos métodos de análise da Análise de Discurso. No caso do objeto de estudo deste trabalho, por exemplo, além de avaliar a prática de produção textual do gênero artigo de opinião, o professor pode utilizar o texto para conhecer mais sobre o contexto em que o aluno vive.

Ao propor o tema “O que é mulher?” permitiu-se que o estudante/autor direcionasse a sua construção discursiva de várias maneiras possíveis, e ao identificar que ele preferiu argumentar acerca de um assunto polêmico, como a violência contra a mulher, criaram-se vários questionamentos, ainda mais se são identificados traços em que ele demonstra conhecer de perto essa realidade. De maneira intencional ou não, o estudante pôde utilizar-se do texto como uma maneira de desabafar alguma situação que esteja vivendo, e o professor pode se deparar com a dúvida “Será que esse aluno vive uma situação parecida?” ou “Como ele fala disso com tanta propriedade?”.

A Análise de Discurso é, sem dúvidas, um dispositivo teórico riquíssimo que utiliza-se da leitura, mas de uma maneira profunda que analisa o dizer, e ainda assim consegue



encontrar os espaços do não dito, além de propor um contínuo exercício de relação entre o dito e o não dito. Além de poder aplicar-se a diferentes áreas de conhecimento como a Literatura, por exemplo, e analisar diferentes objetos, desde textos a imagens.

A análise proposta neste trabalho nos proporciona um esclarecimento maior a respeito da constituição discursiva sobre a imagem da mulher em estudantes. E pode ser surpreendente e reveladora, visto que de forma inconsciente ao conhecer um tema já esperamos alguns possíveis deslocamentos sobre ele.

O fato de a mulher não ter sido significativamente retratada como objeto sexual, por exemplo, surpreende e levanta questionamentos, tornando o estudo ainda mais válido, pois toda análise pode ser continuada, especialmente se considerarmos que ela sempre será direcionada a partir do ponto de vista do analista. Além do mais, a produção do conhecimento será sempre produto da formulação de perguntas.

## Referências

A HISTÓRIA das mulheres. REVISTA DO NÚCLEO TRANSDICIPLINAR DE ESTUDOS DE GÊNERO – NUTEG, Cultura e poder das mulheres: ensaio de historiografia, vol. 2, nº 1, p. 7-30. Niterói: EdUFF, 2000.

DORNELE, Elizabeth Fontoura. **Análise de discurso e os pontos de encontro tecidos na convergência das teorias**. ANALECTA, vol.8, nº 2, p. 29-36. Guarapuava, PR: jul./dez. 2007.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro; INDURSKY, Freda (orgs.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

Gênesis 3. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/3>>. Acesso em: 08 de março de 2014.

Lei nº 11.340. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm)>. Acesso em: 08 de março de 2014.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Análise de Discurso: algumas observações**. D.E.L.T.A., vol. 2, nº 1, p. 105-126, 1986.

\_\_\_\_\_. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes, 1996a.

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 8. ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da



Universidade Estadual de Campinas, 1996b.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.

PRIORE, Mary Del (org.); PINSKY, Carla Bassanezi (coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.